

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

À OFENSIVA DE FOME E DE VIOLÊNCIA, O POVO RESPONDE COM A LUTA E EXIGE

PÃO E LIBERDADE

NAS cidades e nos campos o custo de vida aumenta sem

cessar e os baixos salários continuam. O pão sofre nova redução. Os Grândios assambram os gêneros para os espalhar pelo mercado negro com grandes lucros para os especuladores fascistas. O funcionalismo público, civil e militar, e toda a classe média, se vê a braços com graves dificuldades. Os pequenos lavradores, com as mãos atadas pelo corporativismo, vão-se arruinando, entregues à usura e às execuções. Os pequenos comerciantes e industriais se sobram no peso dos impostos. Uma paulada de monopólios protegidos pelo governo fascista, domina e mistifica toda a vida económica nacional. E como o descomunalmente cresce e a revolta atassa, o fascismo faz intervir a força, os democratas são perseguidos, a PVDE (atrás dum novo nome) espalha o terror e a intimidação, o MUD é encerrado, as eleições são anuladas, a oposição é desmantelada, nenhuma liberdade são concedida, o Terrorismo continua.

Portugal é pasto de fome, de ruína e de terror. Nem mundo onde nasce a democracia e os povos constroem uma vida nova. Salazar, cômico de Hitler, procura fazer sobreviver o regime fascista português.

O governo de Salazar, que auxilia Hitler na guerra e decretei luta nacional pela sua morte, que entregou Timor ao Japão, que repudiou impotentemente as manifestações no dia da Vitória, conta agora o seu auxílio aos Aliados. Ele que alimentou os bandos nazis com gêneros roubados ao nosso povo, diz na Conferência da Alimentação de Londres (pela boca do nazí Supico) que deu aos aliados alimentos e vestuários. Salazar deixou de ter o apoio de Hitler, Mussolini e dos Quislings. O apoio de Franco tem-se sem valor porque Franco está demasiado preocupado em salvar a própria pele. Salazar

corte ao sr. Bevin. Em 3 de Abril, depois de uma série de banquetes faustos onde os fascistas comemaram à tripa fora, o apoio de Salazar para se consumir ainda menos, feito a pedido do sr. Bevin, é uma declaração de amor aos trabalhistas ingleses... que ainda não raciocinam o pão na Inglaterra. Salazar faz a um navio inglês uma recepção que estaria bem para o rei de Inglaterra e fez jogar uma seleção nacional com um grupo de principantes ingleses, numa «grande» demagogia e vergonhosa jornada pseudo-democrática no Estado Nacional. A reacção do mundo acredita naturalmente o amor de Salazar e estende-lhe a tábua de salvação. Devemos ter presente que Salazar conta com o apoio dos Churchill, do Vaticano e de muitos pró-fascistas que agora se escondem atrás da palavra democrática.

Mas, se não conseguiremos fazer retroceder a história, como cala Hitler e Mussolini, cairão os seus cômicos. As nações livres lutam pela democracia. «Milhares de homens simples — como disse Stáline — estão de guarda à causa da paz». E o povo português — que decidirá em última instância o seu destino — levanta-se para a luta e subirá varrer o fascismo. » (continua na página 2)

Este ano, em todo o mundo democrático,

O 1.º DE MAIO é celebrado com alegria pelos trabalhadores. Em Portugal, o fascismo condom o povo à fome, à ruína, à violência, à ignorância. Para o povo português,

O 1.º DE MAIO DEVE SER UM DIA DE LUTA pelo pão e pela liberdade, um dia de luta contra a tirania fascista.

OS CAMPEONESES DO ALENTEJO LANÇAM-SE À LUTA

A vida dos camponeses do Alentejo é cada vez mais dura. A falta de trabalho que os grandes lavradores aproveitam para impor salários de fome. Actualmente não vão além de 7 a 12.000 para os homens e 6 a 7.000 para as mulheres e para os jovens.

Os gêneros faltam e os preços aumentam. O tocinho está rondando a 200 gramas por resaca e por mbo. A alimentação da maioria dos camponeses está reduzida a copas de pão com água. A fome caminha à solta por todo o Alentejo.

No entanto, o fascista remaninho Fernando Lagarto, de Estremoz, diz: «Não acredito que os pobres passem fome quando os vir a encontrar palhas».

Que fim o governo? O governo continua a proteger os grandes lavradores e a oprimir cada vez mais os trabalhadores. E assim como o governo fascista de Salazar responde às justas reivindicações dos camponeses, ao mesmo tempo que atende demagogicamente a comissão de Évora, chegando pelo poeta Mário Mendes.

Mas as multas nos últimos anos e, em particular, as de 3 de Junho de 1945, em Montemor, (onde foi assassinado pela polícia o herói defensor dos camponeses, o nosso amigo o Germano Vidigal)

estão presentes na memória dos camponeses do Alentejo. Como dizem os camponeses: «Não temos que temer a luta, só uma coisa temos a temer: é morrer de fome». Assim os camponeses mostram compreender que só pela luta unida e massiva conseguirão ver satisfeitas as suas reivindicações.

São os camponeses dos ardores de Grândola que se concentram na Casa do Povo e exigem aumento de renda e a garantia de trabalho permanente, e na Comissão Reguladora a exigir mais gêneros. São os camponeses de Machado que, em 3 concentrações consecutivas junto da Casa do Povo, exigem um aumento de 23.000 para os homens e 12.000 para as mulheres, e os camponeses de Montolito que, seguindo o exemplo, exigem o mesmo salário sendo assim os fascistas obrigados a reconhecer uma renúncia de todas as direcções dos Casas do Povo do distrito para estabelecerem situação. São os camponeses dos ardores de Évora que, lutando como as mulheres da cidade, ameaçam lanças, em greve se as restrições do raciocínio forem por diante, e obrigando os fascistas a recuar.

Os fascistas têm medo das lutas de massas. Eles vêem que os trabalha-

dores se levantam. Sabem que o descontentamento à terra e por isso, temem que o rastilho se propague a todo o Alentejo, se não a todo o país.

Camponeses e camponesas do Alentejo! Que em todas as aldeias, vilas e cidades, se nomeiem **Amplas Comissões de camponeses e camponesas** e se obriguem as direcções dos Casas do Povo a apresentarem-se junto das autoridades fascistas e dos lavradores, exigindo que sejam satisfeitas as suas reivindicações! Que todos os homens, mulheres e jovens, se concentrem nas **Casas do Povo**, como fizeram os trabalhadores de Machado e Montolito, e **acompanhem em massa as suas Comissões** junto das autoridades. Que as Comissões das diferentes localidades se ponham em contacto umas com as outras, sempre que possível, no sentido de unir a luta dessas localidades. Que através de comissões e concentrações, os trabalhadores **desempregados**, exijam trabalho. Que paguem aos soldados de fome e que todos, todos, como um só homem, se recusam a trabalhar, fazendo **grave**, se os exploradores fascistas não ouvirem as reivindicações! Ave! valentes filhos e filhas do Alentejo!

Quantias recebidas — dos Amigos do Partido —

A.B.Caldeira	11.550	Transp.....	6.198.550
A.F.....	15.600	Fernand Gre-	
A.F.....	3.900	nier.....	231.500
A.F.....	21.550	Percequillo	60.500
A.M.....	20.000	Fogaça (A)	297.550
A.P.....	22.550	Gabriel Red	
A.R. Saffra	5.600	(L.S.).....	200.500
Abailso Sala-		Gancho Ver-	
zar.....	15.700	melho.....	100.100
Abailso Sala-		Gorki.....	20.000
zar.....	15.600	Grupo fixo RF	602.000
Aetivos (C)	25.400	Hendri Bar-	
Aetivos (C)	153.550	
Aetivos do P.	22.550	48.500
Albino Arari		15.000
Jo (C).....	100.600	20.000
Amundin.....	10.100	Jamor.....	4.000
Amigos de		Jamor.....	8.000
Alexandre	53.500	Jamor.....	10.700
Amigos de		João Rodri-	
Caramujo	7.550	gues.....	25.500
Amigos de		Jos. Ferrel-	
Paula.....	5.500	50.550
Assa de Lás-		Jo Teodoro	
nia.....	60.600	Jovenc Ver-	
Augusto Val-		melho.....	5.200
dez.....	150.500	Jovens Acti-	
Auxílio.....	32.500	vos.....	51.700
Auxílio ao		K.....	21.000
Partido.....	8.500	K.....	8.500
Avante M!	20.500	Kinny.....	5.000
Bento Gon-		L. Sova.....	50.500
çalves (A)	35.500	Linsvay.....	264.000
Bento Gon-		Linsvay.....	58.000
çalves (A)	36.500	Lutadores	
C.....	6.500	até no fim.	31.300
C. P. G.....	150.600	Lutadores	
C. T.....	20.500	Vermelhos	16.000
C. T.....	12.500	Idem.....	33.500
Camaradas		Idem.....	51.000
Flora.....	105.500	Idem.....	27.500
Camponeses		Idem.....	5.000
Progressis-		Idem.....	45.500
tas.....	57.550	Manuel Vici-	
Idem.....	100.500	ri Tomé.....	70.500
Camponeses		Manuel Vici-	70.500
Unidos.....	253.550	ri Tomé.....	15.500
Idem.....	253.550	Marquês AM	20.000
Idem.....	147.550	Marquês AM	20.000
Carlos Muto	8.500	Marquês AM	56.000
Caro Vermelho	392.550	Marquês AM	30.000
Cherid, ovale	8.500	Marquês AM	12.000
Consequer	80.500	Campanha	10.000
Corticeiro		Campanha	10.000
Vermelho I	28.500	Ca valentes	92.700
Dinamo.....	2.000	Pedro S.32	86.550
Duarte (A.M)	185.800	Pela.....	17.550
Duarte T.....	5.000	Pires Jorge II	13.000
Duarte T.....	8.550	Pires Jorge II	57.550
Duarte T.....	5.550	Pires Jorge II	35.500
Eleições Lás-		Pires Jorge II	15.000
Idem.....	8.550	Pires Jorge II	16.000
Idem.....	29.000	Produto de	
Estrela Ver-		uma Hfa.....	75.500
melha.....	200.700	Funho Ver-	
Idem.....	1.150.000	melho.....	265.600
Estrela Ver-		Uma admini-	
melha (F)	1.500.000	stradora de Sta-	
Idem.....	100.100	
Falção Ver-		1 P.....	20.000
melho.....	120.510	7 Nov. 1917	40.500
Idem.....	10.000	33.....	60.000
A tampa.....	6.198.550	TOTAL	9.720.570

NOTA — Reutilizadas à separata:
onde se lê: Estrela Vermelha (I) — 125.500,
Estadante 100.600, Transgênia 94.600, Fogaça
(A) — 249.550, Fogaça (A) — 306.550, Italo Ver-
melho — 27.500, deve ler-se, respectivamente:
Estrela Vermelha (II) — 1.255.000, Estadante —
100.600, Transgênia 94.600, Fogaça (A) — 294.550,
Fogaça (A) — 306.550, Italo Vermelho — 27.500.

No «Avante!» anterior, acré, por lapso,
«Aos Governadores 30.500», em vez de 300,5.

Vitória

DOS MINEIROS
DE S. PEDRO DA COVA

Provou-se uma vez mais que só pela luta os trabalhadores podem fazer recuar o fascismo. Provou-se que a greve é um poderoso meio de luta das classes trabalhadoras. Em estado de greve, todos os valores míseros de S. Pedro da Cova, Monte Avelino e Rio Tinto, os fascistas foram obrigados a aumentar os salários. Ainda que insignificantes, os aumentos atingem, nalguns casos, 4 a 6.500 réis.

ADIANTE NAS LUTAS REIVINDICATIVAS

Os operários corticeiros do Barreiro, Alhos Vedros e Seixal fizeram concentrações massivas nos seus sindicatos, exigindo um aumento do 40% para todos os salários inferiores a 27.500, 30% para os superiores a estes e um mínimo de seis dias de trabalho. Os operários corticeiros da margem sul do Tejo continuam assim as suas lutas tradicionais de luta.

Segundo o exemplo dos seus companheiros das outras empresas de constru-

ções e reparações navais, os operários dos Estaleiros da CUF, Lisboa, elegeram a sua Comissão Permanente. Para isso, distribuíram em todas as 17 secções listas impressas para que todas as secções elegessem os seus delegados. A Comissão foi constituída por 17 operários efectivos e 17 suplentes.

A Comissão Permanente da empresa Parry & Son, Almada, leva a efeito uma luta pelo aumento de salário.

PÃO E LIBERDADE

(Continuação da 1.ª página)

salazarista de Portugal.

CONTRA A MISÉRIA E OPRESSÃO
SALAZARISTAS, O POVO PORTUGUÊS
APRENDEU QUE TEM UM ÚNICO CAMINHO
A SEGUIR: a luta. Em 8 e 9 de Maio de 1945, as massas trabalhadoras do Município de Rio de Janeiro e de Lisboa, saliram à rua a exigir pão e liberdade e o fascismo foi obrigado a satisfazer em grande parte as justas reivindicações do povo. Precisamente um ano depois, no dia da Vitória, em 7, 8 e 9 de Maio de 1945, o povo português, em grandes manifestações, exigiu Liberdade, Liberdade e Democracia. Agora, por todo o país, contra a nova tentativa de fomentar a luta contra as novas repressões, o povo levanta-se. São os operários da Covilhã e Torrezano, os mineiros de S. Pedro da Cova, Rio Tinto e Monte Avelino, indo decididamente para a greve. São as mulheres de Évora, tomadas as ruas em grandes manifestações pelo pão. São os camponeses do Alentejo, a população de Espinheiro, Fafe, Silves, Matosinhos e muitas outras localidades, que lutam em massa pelo direito à vida. São os operários e operárias que, em dezenas de fábricas e oficinas, formam as suas comissões, temporárias ou permanentes e reclamam uma melhoria da sua situação. São os trabalhadores de todas as profissões que protestam contra a proibição das eleições sindicais. São todos os democratas, torquenses de todas as tendências políticas e religiosas, que, unidos e armados, apesar de todas as medidas repressivas, prosseguindo no caminho da luta anti-fascista (consagrado nas grandes jornadas do dia da Vitória, nas jornadas do MUD e no dia 31 de Janeiro) continuam a sua actividade de Unidade Democrática.

BOAS ESTAS LUTAS ECONÓMICAS E POLÍTICAS CONTRA O FASCISMO E O MENTRO NACIONAL ANTI-FASCISTA. São elas o caminho justo para fazer frente ao fascismo e forçá-lo a recuar na sua política anti-popular e anti-proletária. São elas o caminho justo para a preparação do nosso povo para futuras lutas superiores: são o caminho justo para o fortalecimento e alargamento da Unidade Nacional Anti-fascista, são a unidade e a organização e a luta nos poderosos e conduzem ao derrocamento do fascismo. É na organização e desencadear de lutas de resistência contra a fome e opressão fascistas, que se devem concentrar todas as energias de todas as forças anti-fascistas, e em especial do Conselho Nacional. Lutar pelo pão e pelas greves, pelas salões, contra as repressões. Lutar pela lega-

lidade do MUD, pelas eleições sindicais, pela liberdade de imprensa, pela extinção do Tarrafal, pela libertação dos presos. Lutar pela extinção da PVDE, da Legião, dos Grêmios e outros organismos corporativos. Esta é a grande tarefa do momento de todos os democratas e proletários. Este é o único caminho que conduzirá ao levantamento em massa da nação contra a tirania fascista.

O SR. JOSÉ DE SOUSA toma uma posição clara

CHEGA ao nosso conhecimento que o sr. José de Sousa, que há uns anos foi da direcção do nosso Partido, acaba de pedir a sua admissão ao Partido do sr. Dr. Ramada Curto, o Partido Socialista Português. Desta forma, o sr. José de Sousa, que «já agora continuava fazendo» passar por «comunistas», toma claramente um novo rumo político. Não custa que em 18 de Março escreveu ao PSP, o sr. J. S., declarando-se convencido de que «o Partido Socialista é a organização política mais categoricamente operária» (sic!). E pede a sua admissão.

Naturalmente que esta admissão do sr. J. S. é uma questão que respeita aos nossos amigos socialistas e com a qual nada temos. Mas, na sua carta, o sr. J. S. fez algumas afirmações que necessitam de rectificação. O sr. J. S., explica, por exemplo, o seu afastamento do Partido Comunista pelo facto de «não se sentir tentado a participar na luta de grupos» (sic!) que corree este movimento. Isto não é exacto. O sr. J. S. foi expulso do Partido Comunista Português em 1942, quando se encontrava no exílio em Tarragel, por se deixar a cabo uma luta desagregadora e fascista e ter formado um grupo dissidente contra o Partido. A sua expulsão foi decidida pela organização comunista prisional, de que era dirigente Bento Gonçalves, e foi sancionada pelo Secretariado do CC do Partido, conforme consta da «Circular aos Comités Regionais, Locais e de zona e nos respectivos boletins», de Novembro de 1943. Não é agora nosso propósito discutir as posições e ideias do sr. J. S., porque há coisas mais importantes a tratar no nosso jornal. Ao sr. J. S., que em tempos foi comunista, desejamos uma actividade consequente em defesa dos seus novos ideais. Aos nossos amigos socialistas, se o quiserem nas suas fileiras, desejamos que compensem um companheiro fiel.

DE NORTE A SUL DE PORTUGAL O POVO LEVANTA-SE EM MASSA

CONTRA A FOME

Por todo o país, o povo trabalhador (homens e mulheres) se levanta contra a política de fome e de rapina dos fascistas salazaristas.

As recentes e importantes greves dos operários da Covilhã, Torrezendo, S. Pedro da Cova, Monte Avelino e Rio Tinto, juntam-se milhares e milhares de outras lutas. O povo responde a Salazar.

Luta da população de Silves

O povo de Silves, principalmente a classe corticeira, protesta massivamente contra a falta de gêneros, em especial contra a falta de azeite e contra o racionamento do pão. Assim, há tempos, tiveram lugar no Sindicato Corticeiro 3 grandes conen-

trações populares, nas quais se exigia que fosse fornecido a tempo o azeite, mais quantidade de pão, mais gêneros, e se protestou contra o aumento que se pretendia fazer no preço das sementes do racionamento.

Em resultado da firmeza e unidade da classe corticeira e da população em geral, algumas das reivindicações foram atendidas. O azeite foi distribuído no dia seguinte, facto que há mais do 2 meses não sucedia, as sementes continuaram a custar 550 e não 1350 como as autoridades pretendiam, e ficaram sendo grãtis para os desempregados e indigentes, como a classe corticeira reivindicou. Como a questão do pão não fosse resolvida, o povo, reunido noutra concentração, elegia uma comissão para ir a Faro apresentar o problema ao Governador Civil.

As mulheres de Évora protestam

CONTRA O RACIONAMENTO DO PÃO

Cerca de 1.000 mulheres de Évora, no dia 1 de Março, fizeram uma grandiosa concentração para protestar mais uma vez contra a falta de azeite e contra o racionamento do pão. Esta concentração deu-se depois de se terem realizado marchas, divididas em 50, 100 e 200 mulheres, pelas ruas principais da cidade, arrastando para a frente todas as mulheres que iam encontrando. A polícia não teve força para se opor e foi arrastada para a frente das mulheres juntamente com o Presidente da Comissão Reguladora. Depois destas marchas, debaixo duma chuva torrencial, as mulheres, completamente encharcadas, foram-se reunir em protesto defronte do

governo civil. Aterrorizado, o governador civil, o célebre polícia de informação Maia Mendes, enviou imediatamente uma brigada de polícia azeite as padarias para que fabricassem as mesmas quantidades de pão que fabricavam antes, e prometeu às mulheres que ia resolver o assunto.

As mulheres do Ribatejo lutam

POR MAIS PÃO E MAIS GÊNEROS

Em Azinhaga, no dia 23 de Março, 50 mulheres juntaram-se e foram ao presidente da Junta exigir mais pão e mais gêneros e

protestar contra o novo corte no pão.

Em Alcanena, 50 mulheres foram ao presidente da Câmara exigir mais pão e mais gêneros. Este respondeu que ia telefonar para o governador civil e que voltassem no dia seguinte, mas só uma comissão. No dia seguinte, em vez da comissão, apareceram cerca de 100 mulheres. Se não forem atendidas, o povo está na disposição de fazer concentrações ainda maiores.

Na Chamusca, mais de 100 mulheres juntaram-se e foram ao presidente da Câmara protestar contra o corte no racionamento do pão e exigir mais gêneros.

O povo da Marinha Grande

CONSEGUE O FORNECIMENTO DE PÃO

O povo da Marinha Grande continua defendendo vigorosamente o seu direito à vida. Em virtude da falta de pão, 2.000 operários, vendedores, da Marinha Grande, fizeram uma grande concentração no Sindicato Nacional dos Vendedores, exigindo pão e gêneros. No dia seguinte, centenas de mulheres juntaram-se diante da Câmara Municipal. Como o presidente da Câmara não viesse à junção dar satisfações, as

mulheres não arredaram pé até que, 20 a 20, foram todas recebidas por este, e lhes foi prometido que haveria pão. No dia seguinte aparecer o pão. A Comissão Reguladora foi destituída.

Marchas da fome e concentrações

Os operários têxteis de Fafe, cerca de

2.000, saíram das fábricas e, juntamente com as mulheres e os filhos, fizeram uma marcha exigindo pão.

Embora as autoridades locais respondessem com grande repressão, disparando sobre o povo, a manifestação continuou.

Em Rio Maior, operários das minas de carvão fizeram duas concentrações, exigindo mais pão e mais gêneros.

Lutas em Nelas e na Fontela

Em Nelas, as mulheres protestaram em massa contra a falsificação do pão — que era fabricado com trencão — e obrigaram à restituição do dinheiro.

Pressionado por numerosas comissões que se têm formado em todo o concelho, o presidente da Câmara de Fontela foi obrigado a distribuir a farinha ao povo.

Que a luta alastre a todos os cantos de Portugal!

Em toda a parte, nos bairros, nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos campos, devem formar-se comissões e realizar-se amplas manifestações, marchas da fome, que vão junto das autoridades, Sindicatos, Casas do Povo, protestar contra o racionamento do pão e contra a falta de gêneros.

Homens e mulheres devem lutar juntos. Que os operários e camponeses, todas as vítimas da política salazarista, se unam na luta contra a exploração e a fome.

No campo, o povo deve resistir ao roubo do milho e outros gêneros, vigiando atentamente os locais onde se encontram e deve lutar pela distribuição dos gêneros assambrados pelos Grêmios e outros organismos corporativos.

Avante, na luta pelo pão! Avante, na luta contra a fome!

Os operários e operárias da Abellheira, fábrica de papel do Tojal, cansados de reclamar ao seu Sindicato para que este intercedesse junto da empresa além de que fosse acregado ao salário a subsídio que há tempos lhes havia sido concedido e um aumento de 30% resolveram lutar mais vigorosamente por estas reivindicações.

Assim, no mês de Fevereiro, uma comissão de 3 mulheres avisou-se com o patrão e, em nome das suas companheiras de trabalho, apresentou as reivindicações. Como o patrão recusasse atendê-las, TOJAL AS OPERARIAS DO DIA SEGUINTE NEGARAM A TRABALHAR E FIZERAM

GREVE VITORIOSA DAS OPERARIAS DA ABELHEIRA

A GREVE DE BRACOS CAIDOS JUNTO DAS MÁQUINAS, ENQUANTO A COMISSÃO SE AVISTAVA DE NOVO COM O PATRÃO. Este encerra as 3 mulheres e tentou cozer-las a aconselharem as suas companheiras a pegarem no trabalho, ao que as 3 diriges representantes das operárias se negaram.

No dia seguinte, as valentes trabalhadoras da Abellheira continuaram em greve de braços caídos, negando-se a retomar o

trabalho enquanto não fossem atendidas as suas reivindicações. O patrão satisfaz parte das reivindicações, concedendo a metade do subsídio ao salário e um aumento de 20% sobre este.

Contudo, o aumento concedido não satisfaz. OS TRABALHADORES E TRABALHADORAS DEVEM FORMAR UMA AMPLA COMISSÃO, INSISTIR, E SE O PATRÃO SE RECUSAR A AUMENTAR OS 30%, HA QUE FAZER DE NOVO A GREVE, COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS OPERÁRIOS DA EMPRESA, UNIDAS E COSSISTENTES POR NÓS DOUTROS VENCEDORES, VALENTES TRABALHADORAS DA ABELHEIRA!

O TRIUNFO DO REGIME SOVIÉTICO

A U.R.S.S. LANÇA-SE COM ENTUSIASMO A NOVAS TAREFAS GIGANTESCAS

QUANDO, no dia 10 de Fevereiro, os povos soviéticos elegeram o Soviete Supremo da URSS, mostraram a mais maravilhosa unidade na aprovação do sistema soviético e da actuação dos seus dirigentes. Nunca no mundo se realizaram eleições mais democráticas. Votaram com completa liberdade todos os cidadãos com mais de 18 anos, independentemente da raça, da nacionalidade, instrução, sexo, ou situação económica. Os doentes puderam votar em casas ou viajantes nos aviões ou nos barcos. Nas regiões geladas, trens defrontaram tempestades de neve para recolherem os votos. De 101.717.986 electores inscritos, votaram 101.405.936, ou seja, 99,5 em cada cem. Os votos foram em massa para a lista comum dos comunistas e sem partido. Nos seus círculos electorais, Stáline e Molotov foram eleitos por unanimidade. Foram eleitos generais, cientistas, heróis da luta anti-hitleriana, operários, empunhosos cosacianos, homens e mulheres, os mais destacados filhos de todos os povos da União Soviética.

Os povos soviéticos aprovaram em massa a actividade passada e o programa futuro dos Comunistas, exposto por Stáline no seu discurso de 9 de Fevereiro.

Stáline mostrou que o capitalismo é a causa profunda da guerra, mas que esta guerra mundial, por ser dirigida contra os estados fascistas, teve um carácter antifascista libertador. Stáline mostrou que a vitória final, alcançada, indica, além do grande valor do Exército Vermelho, que foi o regime social soviético, o estado multi-nacional, que triunfou, que o regime social soviético é sólido, estável e superior a qualquer outro regime. Stáline mostrou que a vitória foi possível, graças à realização vitoriosa de 3 planos quinquenais, de 1928 a 1941, que permitiram a maravilhosa transformação da agricultura e indústria, num país de vanguarda, num país industrial. Stáline mostrou que isto foi possível, pelos métodos socialistas de industrialização e colectivização da agricultura, sob a direcção e firmeza do Partido Bolchevique. Mas Stáline não se limitou a apresentar um balanço do passado. Ele expôs o programa para o futuro.

O novo plano quinquenal tem como tarefas essenciais reconstituir as regiões devastadas, levar ao nível de antes da guerra a indústria e a agricultura e ultrapassá-lo, e ainda: a supressão próxima do racionamento, o aumento da produção de artigos de uso corrente, a elevação do nível de vida dos trabalhadores pela redução dos preços, a criação em grande escala de toda a espécie de instituições de investigação científica que permitissem à ciência soviética desenvolver todas as suas forças.

Mas o programa dos bolcheviques russos não fica por aqui. Eles preparam a um novo e poderoso desenvolvimento da economia soviética (a ser realizado em 3 ou mais planos quinquenais). Antes da guerra a URSS produzia anualmente 15 milhões de toneladas de ferro fundido (4 vezes mais que em 1913). A U.R.S.S. prepara-se para produzir 50 milhões. Produzirá 18 milhões de toneladas de aço (4 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 60 milhões. Produzirá 166 milhões de toneladas de carvão (5 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 500 milhões. Produzirá 31 milhões de toneladas de petróleo (3 vezes e meia mais que em 1913). São necessários 60 milhões, e 80 com esta condição — disse Stáline aos seus electores — podemos dizer que a nossa pátria estará no albrigo de surpresas.

É a realização deste plano gigantesco que os povos soviéticos se lançam entusiasmados, porque na U.R.S.S. os homens trabalham para si, para a colectividade comum dos homens soviéticos. Na primeira sessão do novo Soviete Supremo foi aprovado o novo plano quinquenal. Enquanto no mundo capitalista as crises são inevitáveis e as últimas greves de milhões de trabalhadores na América do Norte e na Inglaterra mostram as contradições do capitalismo, a economia soviética não conhece crises, porque a planificação socialista assenta em bases científicas.

Os povos soviéticos cumprirão o programa indicando pelo grande Stáline.

FRANCO

à beira do abismo

Os povos livres exigem que, conforme as promessas feitas na guerra, os regimes fascistas sejam liquidados do mundo. Isso impõe-se para garantir a paz e da segurança das nações.

Em todo o mundo, as forças progressivas exigem medidas imediatas contra Franco, o cúmplice de Hitler, levado ao poder pelas tropas fascistas alemãs, italianas e portuguesas. Manifestações mostram exigido o corte das relações com Franco têm lugar em dezenas de países, incluindo Londres e Nova York. Em Paris, a grande cidade da democracia, os manifestantes exibem uma força para Franco. Em Oslo, levam cartazes dizendo: «Franco para Nuremberg». A Federação Sindical Mundial indica aos seus 60 milhões de aderentes que exijam o corte com Franco. Apelos libertários foram feitos pela Federação Juvenil Mundial e pela Organização Mundial das Mulheres. Os trabalhadores dos portos, como em Rotterdam, recusam-se a carregar barcos para Espanha. O governo francês toma as primeiras medidas energéticas. E o governo polaco, levando o caso ao Conselho de Segurança da ONU, põe em toda a agudeza o problema.

Não sabemos qual será a atitude da ONU. Apesar de que ali a URSS vela pelas liberdades das nações e pela paz, há na ONU portuários e burocratas e outros interessados na manutenção em Espanha da regime fascista. A Inglaterra tem apoiado claramente um regresso à monarquia. A viagem de D. João a Portugal é feita com esse objectivo. O regresso à monarquia seria uma forma de fazer subsistir o fascismo em Espanha. Os manobras para salvar Franco multiplicam-se. Em vez de manobras suspeitas e de declamações platónicas, impõe-se uma acção resolutiva das Nações Unidas para acabar com a tirania nazifascista que pesa sobre o povo espanhol.

Os que desejam Franco em Espanha, de novo falam em «não-intervenção». Os povos não esqueceram, porém, que foi a «chamada não-intervenção» que permitiu a Hitler, Mussolini e Salazar intervir em Espanha e imporem, com armas estrangeiras, Franco ao povo espanhol.

Ao povo espanhol deve-se dar a possibilidade de escolher livremente o seu destino. Se Franco e a Bonaire não saíam do poder, não são realizadas eleições livres e decididas por um governo de concentração democrática, a guerra civil, que se trava já em Espanha, alastrará e o povo espanhol só terá a saída da insurreição armada.

Duma forma ou de outra, Franco tem os dias contados. Franco está à beira do abismo. Outros cúmplices de Hitler o deverão acompanhar um queda.

A GRÃ-BREITANHA IMPÕE UM GOVERNO FASCISTA AO POVO GREGO

A intervenção armada na Grécia continua. O exército britânico continua a servir para impor a tirania monárquico-fascista ao povo grego.

Embora a URSS tenha levantado na ONU a situação grega, o governo trabalhista inglês, contra os protestos do povo grego e da própria opinião pública britânica, impôs uma mascarada de eleições. Elas tiveram lugar no meio do maior terror fascista, levando a cabo pelas tropas britânicas monárquico-fascistas apoiadas pelas forças britânicas. O reconhecimento foi uma burla, tal como em Portugal. O próprio governo fustigou reconheceu que as eleições eram uma máscara e a maioria dos ministros (muito menos que 10) pediram a demissão. Mas o sr. Bevin impôs as eleições de 31 de Março.

Apesar de toda esta situação, a campanha da EAM e dos partidos democráticos para que o povo não reconhecesse, foi coroada dum enorme sucesso. Ainda que a maioria dos electores democráticos não tenha podido intervir-se no reconhecimento, vez de metade dos electores insu-

erios não votaram. A missão reacçãoária «valada» (na qual a URSS muito justamente se recusou participar) não fez mais que aprovar números falsificados. Isso era já sabido antes da mascarada.

Os reacçãoários gregos só com o apoio do estrangeiro se poderão manter no poder. Torna-se assim a intervenção fascista fascista. Se ao povo grego, que se bateu heroicamente contra a Alemanha hitleriana, seja dada a liberdade de escolher o seu destino!

POR todas as formas, a reacção, atacada por Churchill e seus amigos, procura fomentar uma nova cruzada anti-soviética. Se mais não houvesse a demonstração, há semanas as nações e mentes a propósito do caso da Pérsia. As embaixadas multiplicam-se. O chamado vespertino da bomba atómica, no Canadá, foi uma das muitas ameaças

CAMPANHA ANTI-SOVIÉTICA

com vistas a dividir as Nações Unidas e a reac-

cionar manobras contra a paz da parte da URSS. O primeiro ministro do Canadá, Mackenzie King, prestou-se a esse papel. A campanha foi estruturada no caso da Pérsia e mentes contra a gloriosa União Soviética, desmascarando de encontro a perseguição da política anti-batista.